

**O UNIVERSO METAFÓRICO
DAS RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS NA LITERATURA
DE CORDEL DE CUÍCA DE SANTO AMARO⁶¹**

Sinéia Maia Teles Silveira (UNEB)
sineiasilveira@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, trabalhamos com o léxico dos cordéis produzidos por Cuíca de Santo Amaro, em meados do século XX, restringindo a pesquisa àqueles escritos entre as décadas de 1940 a 1960. Utilizamos especificamente os folhetos que abordam as temáticas sensacionalista e licenciosa. Analisamos os recursos semânticos neles perceptíveis, focalizando os mais significativos para representar as relações homossexuais, analisando as metáforas sexuais. Salientamos o uso produtivo e criativo que Cuíca de Santo Amaro faz do léxico e como este permite ao leitor captar um pouco do contexto socio-cultural da época. Focalizamos apenas os aspectos léxico-semânticos, utilizando os conceitos da lexicologia e da semântica, tendo como suporte as discussões teóricas feitas por Stephen Ulmann (1987).

Palavras-chave: Literatura de cordel. Léxico. Semântica. Metáforas sexuais.

1. Processos semânticos: limites e possibilidades

Antes de ser criado o mundo, aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e era Deus. Assim, desde o princípio, a Palavra estava com Deus. (*Evangelho de S. João*, cap. 1, v. 1).

Depois que o Eterno formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves, ele os levou ao homem para que pusesse nomes neles. E eles ficaram com os nomes que o homem lhes deu. (*Gênesis*, cap. 2, v. 20).

Desde os primórdios da humanidade, o homem sente a necessidade de nomear o mundo circundante, talvez numa tentativa de captar a essência das coisas, de compreender aquilo que o cerca e instiga a sua imaginação. Isso se dá nas mais diversas civilizações, em todos os espaços.

Na epígrafe, notamos essa curiosidade, esse desejo de captar a essência da própria palavra, de entender a formação do mundo pela Pala-

⁶¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *Linguagem, Sociedade e Cultura: uma incursão histórico-semântica em textos de Cuíca de Santo Amaro*, que defendida no Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, da Universidade do Estado da Bahia – Campus V.

vra, que aí é a personificação de um Ser superior, criador dos céus e da terra, na perspectiva cristã: a palavra precedendo a criação e, pela palavra, o Criador passando para o homem a tarefa de nomear, de identificar os seres viventes.

A palavra, portanto, revela-se como um elemento que desperta a fascinação humana. É cantada em prosa e verso, nas mais diversas situações, aguçando a curiosidade e o desejo de entendê-la. O universo lexical, recheado de palavras de todos os tipos, tamanhos e sentidos, descerra o mundo das ideias, desvendando mistérios, (re)nomeando sentimentos e sensações.

Pelo léxico, o homem capta o mundo. E esse mundo vai se revelando, aos poucos, pela palavra, deixando entrever a cosmovisão dos falantes, seus sentimentos, seu modo de viver e existir. Nesse sentido, o léxico acumula as aquisições culturais que particularizam um determinado grupo social.

No léxico, diversos sentidos se imbricam, palavras se enroscam, às vezes nutrindo-se de uma mesma raiz, mas revelando outras nuances; outras vezes, distanciam-se, surgindo rebeldes de outras matrizes, porém, brincalhonas, confundem, dizendo a mesma coisa por diferentes maneiras; fingem morrer, para mais tarde surgirem imperiosas, com o mesmo ou outro sentido; em outros momentos, são aplaudidas, amadas, elevadas; depois, simplesmente deixam de impressionar, perdendo sua força, à medida que novas realidades pedem novas palavras que consigam dar conta de descrevê-las com intensidade.

A língua metaforiza a própria vida, já que é um organismo vivo que pulsa dinamicamente, transformando-se, enriquecendo-se a partir do contato com realidades diversas, numa troca dialética com outras línguas, outras culturas. Toda essa dinamicidade da língua pode ser perceptível principalmente no universo lexical, visto como uma representação da herança cultural e acervo do saber vocabular de uma comunidade sócio-linguístico-cultural. Esse é um dos níveis mais instáveis da língua, já que sempre surgem novos termos, revestem-se os existentes de outros sentidos, restringem-se aqueles existentes, enfim, há uma grande volatilidade, na medida em que os falantes fazem um trabalho social para referenciar e dar sentido o mundo que os rodeia. Sendo assim, não há uma língua pronta e acabada que nomeie a realidade, ou espelhe o mundo, mas sujeitos ativos que interagem entre si, dialética e dialogicamente, numa relação sociocognitiva processada numa dada sociedade, numa dada cultura.

Pode ser possível fazer uma identificação de usos lexicais que caracterizam a forma de ver o mundo de uma comunidade, as crenças que povoam a vida dos seus falantes, os valores que eles pregam, os costumes que perpetuam e particularizam o seu existir. O léxico, por conseguinte, descortina não só os traços linguísticos, as evoluções semânticas, como também o lado cultural nele existente, o *modus vivendi* de um povo, a forma como este enxerga e estrutura o mundo circundante. E, na medida em que isso acontece, ou seja, em que há recortes das realidades de mundo, também representa fatos culturais, realidades sociais.

Nesse sentido, compreendemos o léxico como um dos subsistemas da língua mais revestido de dinamicidade. Na medida em que registra o que há de novo, o léxico reflete as transformações pelas quais as comunidades, os grupos sociais passam, ora criando, ora recriando, outras vezes revestindo o sentido já existente de traços semânticos específicos, os quais podem explicitar traços socioculturais de uma determinada comunidade. Levando em consideração essa dinamicidade, pesquisar um léxico possibilita, além de estudar e caracterizar a língua, mergulhar nos meandros da cultura dos seus falantes, contribuindo para compreender seu universo de valores, sua cosmovisão.

Os indivíduos, no uso do léxico, buscam adequar a língua àquilo que desejam expressar, de modo que possam traduzir em palavras as suas ideias, a sua subjetividade e emoção. Nem sempre o inventário linguístico à disposição dá conta da amplitude do seu dizer, o que os leva a criar novos elementos na língua ou ressignificar os já existentes. Nesse processo de ajustamento linguístico às suas necessidades de expressão, de nomeação do mundo que os cerca, de se fazerem entender, provocam modificações no nível semântico das palavras, ora ampliando, ora restringindo, ora inovando seu significado.

Esse uso produtivo e criativo da língua é muito perceptível na literatura de cordel. Com intrepidez, os poetas populares ousam dizer a sua palavra, mostrando, pelos versos que criam, a riqueza, as peculiaridades, a beleza, a poesia e o humor que residem na língua portuguesa, potencializando o uso desta. Como sujeitos da sua própria linguagem, esses indivíduos não se deixam vencer pelo preconceito linguístico que poderia atingi-los, deslocá-los do seu lugar de sujeito. Antes, utilizam-na produtivamente como veículo de denúncia, mas também de entretenimento, procurando alcançar um público diversificado, como o faz Cuíca de Santo Amaro [Pseudônimo de José Gomes], o que permite ao leitor captar um pouco do contexto sociocultural da época, na medida em que tais fo-

lhetos registram a forma de ver o mundo da sociedade da época.

Percebemos, portanto, que na construção e registro da nossa história, a literatura de cordel tem desempenhado um papel relevante, na medida em que os poetas populares recriaram e recriam fatos do cotidiano, transformando em versos acontecimentos que marcam uma determinada época, deixando desenhados perfis sócio-político-culturais do seu povo, da sua região, singularizando-a. Apesar de serem em sua maioria semianalfabetos, eles sabem manejar a língua de forma singular, inclusive inovando-a, dispoendo com criatividade dos recursos por ela oferecidos. Esse tipo de produção literária constitui-se rica fonte de pesquisa, devido ao uso produtivo do léxico, principalmente pelas criações neológicas de sentido, abundantes polissemias, metáforas, dentre outros recursos, registrando poeticamente o cotidiano e revelando nuances da vida social e cultural de um povo.

2. *Cuíca de Santo Amaro: irreverência e preconceito*

Ele, o Tal, como ele mesmo se definia, cantava em versos a história da Bahia, desenhando a fisionomia política, social e cultural de Salvador e de diversas cidades do Recôncavo, além de denunciar com uma linguagem satírica os desmandos políticos, sendo a voz dos excluídos e marginalizados, como ele mesmo apregoava em seus versos virulentos, controversos, recheados de abundantes figuras de linguagem, plenos de sentidos, portadores de muitas imagens criativas e sugestivas.

Dentre a sua produção, há os folhetos políticos, os licenciosos e os sensacionalistas. Delimitamos como *corpus* os folhetos sensacionalistas e os licenciosos, pois, após a leitura, percebemos que os cordéis políticos, principalmente aqueles laudatórios, feitos sob encomenda para divulgar políticos da época, são menos expressivos.

Conforme sentido dicionarizado em Antonio Geraldo da Cunha (1986), *licencioso* provém do latim *licentiosu* adj., desregrado; libertino; dissoluto. Nessa linha, enquadram-se como cordéis licenciosos aqueles que versam sobre fatos picantes, engraçados, de insinuação sexual, de conotação humorística, muitas vezes pejorativa. Os folhetos licenciosos de Cuíca, por exemplo, documentam a vida sexual de meados do século XX, bem como deixam entrever diversos tipos de preconceitos.

Já a expressão *sensacionalista* é definida por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986) como algo ou alguém que causa sensação. São

cordéis que divulgam ou exploram os escândalos, os fatos chocantes, de modo exagerado ou espalhafatoso. Esse viés é muito explorado por Cuíca naqueles cordéis em que ele narra histórias escabrosas, escândalos ocorridos na sociedade baiana, isso com uma linguagem provocante, satírica e também muito rica devido ao jogo de palavras, imagens utilizadas, ironias, chistes.

Os folhetos licenciosos e sensacionalistas, desta forma, apresentam uma maior riqueza para esta pesquisa de cunho semântico, por veicularem um número significativo de expressões metafóricas, de neologias, muitas palavras e expressões portadoras de designações averbadas nos dicionários, porém, veiculando outros sentidos, revelando um uso bastante criativo do léxico.

3. *Metáforas designadoras de relações homossexuais*

É visível um discurso preconceituoso nos cordéis de Cuíca de Santo Amaro que enfocam a homossexualidade. Aqueles que optam por se relacionar com pessoas do mesmo sexo são referenciados em alguns desses folhetos como bichos, animais, bezerros, bicharia, bichano, veados. São criadas metáforas animais, como denomina Stephen Ulmann (1987), que ocorrem quando há transferência de nomes típicos do reino animal para a esfera humana, adquirindo, nessa passagem, significações grotescas, pejorativas, como se verifica no cordel *O que dizem de Ângelo Ribeiro*. O preconceito já é visualizado na capa, quando o poeta informa: “Este Livro é matéria paga, o Trovador nada tem a ver com as anomalias de ninguém”. No decorrer da narrativa, verifica-se que o homossexualismo é visto como doença e aberração pela sociedade da época:

Diz a Deus e ao Mundo
Que o Ângelo é invertido
A muito... muito tempo
Sofre desta enfermidade⁶²

Ainda sobre os homossexuais, Cuíca informa, no cordel *O Bezêro de Nazaré*:

Existem homens no mundo
[...]

⁶² Os cordéis citados ao longo deste artigo não foram datados em função da ausência dessa informação. O que se sabe é que a produção cordelística de Cuíca se situa entre as décadas de 1940 a 1960. Optamos por manter a grafia adotada pelo cordelista.

Que tem um grande prazer
Em transformar-se em animais
[...]
Digo ao presado leitor
Aí é que está o erro!!!
Também muito elemento
Que já está no destêrro
Também sentem o prazer
Em transformar-se em Bezerros

O poeta, com agudeza de espírito, para referir-se a esse tipo de relação sexual, associa designações existentes, estabelecendo relações de semelhança entre traços característicos de determinados termos comparantes, transpondo para o termo comparado determinados atributos predominantes e, assim, forma metáforas criativas, conferindo maior expressividade aos enunciados.

Cuíca emprega expressões reforçadoras de preconceito em relação aos homossexuais que, assim como as mulheres, são inferiorizados, só que de forma mais perversa, pois, enquanto para estas são usadas palavras menos agressivas, para aqueles o léxico empregado é recheado de expressões pesadas, bastante chulas, como se percebe nas designações criadas, as quais são explicitadas no quadro:

RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS	Lexias não dicionarizadas
	1. Cair na peia 2. Castigar a matéria 3. Entrar no picolé 4. Receber a diferença 5. Receber instrumento na boca do formigueiro 6. Refrescar o fogareiro 7. Tomar no ralo 8. Trabalhar por detrás

Quadro 1: Designações metafóricas para relações homossexuais

Fonte: CUNHA (1986); FERREIRA (1986); GURGEL (1998).

As lexias constituem expressões metafóricas elaboradas com formas verbais e nominais, conforme contextualizado no cordel *O que dizem de Ângelo Ribeiro*, que narra a história de um possível⁶³ homossexual, Ângelo Ribeiro, que paga a jovens para manter relações com ele:

O Ângelo se sente bem
Gosta de fazer caridade

⁶³Diz-se "possível homossexual" porque, como já explicado, Cuíca publica posteriormente outro cordel retratando-se por conta de ter veiculado mentiras a respeito de Ângelo Ribeiro, alegando que a culpa pelo equívoco é da fonte de informação, já que o folheto foi matéria paga.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

De preferência, senhores
A brotos de tenra idade
[...]
Dizem que o Ângelo
Que é cheio de dinheiro
Gosta de vez em quando
Quem refresque-lhe o fugareiro
Por causa do calôr
Entra sempre no picolé
Lá na sua residência
Sempre o Ângelo cae na peia
[...]
Acontece que os taes brotos?
É coisa muito séria
Pois nas costas do Ângelo
Castigam sempre a matéria
[...]
Dizendo que pegaram
O Ângelo no banheiro
Recebendo um instrumento
Na boca do formigueiro
Estava ele... o Ângelo
Em uma agonia imensa
Dentro do banheiro
Recebendo a diferença
[...]
Dizem também que o Ângelo
Que toma sempre no ralo
[...]
Aqui em Salvador
Há homens anormais
Alguns por prazer
Trabalham por detrás
E muitos e muitos outros
Se casam com animais. (Grifos nossos)

Algumas dessas lexias apresentam um traço característico comum: são iniciadas pelas formas verbais: *cair*, *entrar*, *receber*, *tomar*, as quais, nesse contexto, são denotadoras de passividade, conforme se depreende do sentido dicionarizado no Aurélio: *cair* “ir ao chão, ser lançado ao chão”; *entrar* “deixar-se dominar”; *receber* “aceitar; submeter-se”; *tomar* “receber; deixar-se possuir ou dominar”.

Tais formas são sempre empregadas neste cordel quando verbalizam ações relacionadas ao homossexual. Depreendemos, deste modo, que os versos de Cuíca refletem o modo de ver o homossexualismo como uma relação marcada pela subordinação à vontade do outro, como um ato de vassalagem que só ocorre quando um dos parceiros se deixa subjugar,

sujeitando-se ao outro. Algo que também fica claro no cordel *O casamento de Orlando Dias com Cauby Peixoto*: o poeta conta a briga que houve entre ambos, na lua de mel, no hotel onde ficaram hospedados:

Ouviu então o gerente
Uma voz dizer assim
Ai meu pae eterno!
Ai meu senhor do Bomfim
Cauby você tem de
Servir de mulher para mim
De mulher uma ova
O Cauby lhe respondeu
Você vae dar a mim
A quem outrem já deu
Portanto Orlandinho
Trate de me dar o meu

Disse-lhe o Orlando Dias
É preciso você saber
Você que também é
Precisa compreender
Que farinha com farinha
Nada pode resolver

Lá se foi o Orlando
Com sua voz de ouro
Lá se foi o Cauby
Também levando um tesouro
Mas saibam as suas fans
Que ambos não dão no couro

Saibam as fans destes caras
As quaes não teem vergonha
Que o Orlando e o Cauby
A anos já entortaram
O bico da cegonha

Seguem-se às formas *entrar* e *cair* os vocábulos *picolé* e *peia*, respectivamente, definidos no *Dicionário de Gíria* (GURGEL, 1998) como “*pênis*”, e duas formas nominais são acrescidas a *receber*: *instrumento* e *diferença*, que são, nesse contexto, metáforas designadoras do órgão sexual masculino. A primeira é registrada como “*pênis*”, no *Dicionário de Gíria* (GURGEL, 1998). A segunda é dicionarizada com sentido diverso do empregado pelo poeta, tendo como significado “qualidade de diferente”, no dicionário Aurélio, enquanto que no cordel o vocábulo nomeia o órgão sexual masculino.

Ressaltemos que, após o sintagma *receber instrumento*, há o

acréscimo da expressão *na boca do formigueiro*, que é uma nomeação metafórica para ânus (orifício na extremidade terminal do intestino). Há, neste caso, uma relação de semelhança no que concerne à forma dos dois elementos: formigueiro é o “buraco ou a toca de formigas” (FERREIRA, 1986) cuja entrada tem um formato circular de borda irregular; o ânus também tem configuração similar, já que é arredondado e não apresenta uniformidade na parte externa.

A forma verbal *tomar* é seguida do vocábulo *ralo*, aqui empregada com sentido diverso daqueles perceptíveis nos dicionários consultados que trazem as seguintes definições: “lâmina com muitos orifícios para coar água” (FERREIRA, 1986); “lâmina com orifício para coar líquidos” (CUNHA, 1986); “amasso, namoro” (GURGEL, 1998). No cordel, a palavra faz alusão ao ânus. Observa-se que há entre o termo comparante e o comparado uma característica comum: a função de escoamento: o ralo recebe líquidos que são escoados, enquanto que o orifício anal, numa relação sexual, recebe o esperma, após a ejaculação.

Nas lexias *castigar a matéria*, *refrescar o fugareiro* e *trabalhar por detrás*, os verbos são relacionados ao parceiro sexual que assume o papel de ativo. Entendemos que Cuíca, refletindo a postura machista da época, descreve o ato homossexual como sofrimento impingido àquele que é penetrado sexualmente por um parceiro que marca a sua posição de superioridade.

O cordelista explicita sua não aceitação nesse tipo de relação no cordel *O casamento de Orlando Dias com Cauby Peixoto*, deixando claro que é uma vergonha para a sociedade a manutenção de ligações amorosas entre parceiros do mesmo sexo:

No Teatro Castro Alves
Aqui nesta capital
Foi realizado
O enlace matrimonial
Veja só que vergonha
Pra nossa terra natal.

Matéria é dicionarizada no Aurélio como “substância suscetível de receber certa forma ou em que se atua determinado agente”. É empregada no cordel em tela como uma metáfora designativa de ânus, que recebe o órgão sexual masculino, nesse tipo de relação descrita.

Refrescar o fugareiro também é metáfora para relação anal. O vocábulo *fogareiro* é dicionarizado no Aurélio como “pequeno fogão portá-

til para cozinhar ou para aquecer”. O Etimológico traz a seguinte acepção: “fogareiro XVI <fogo ‘desenvolvimento simultâneo de calor produzido pela combustão de certos corpos’”. Nesse sentido, o vocábulo *fogareiro* pode ser visto como uma designação metafórica de ânus, local que ao ser atritado, durante a relação sexual, é irrigado pelo sangue, intumescendo, o que produz a sensação de calor. Além disso, há uma relação de semelhança no que concerne à forma arredondada da boca do fogareiro e do ânus.

Trabalhar por detrás consta no cordel *O homem que casou com um veado*. A construção de sentido metafórico desta expressão é bastante evidente, já que um dos parceiros posiciona-se atrás do outro para efetivar a penetração sexual.

Ao utilizar metáforas para designar a realidade que o cerca, Cuíca a apresenta sob um novo enfoque, buscando no contexto extralinguístico algo que aproxime essas duas situações, uma real, outra imaginada. A partir de características comuns, ele faz associações de caráter semântico, o que demanda do leitor, para construir sentidos, a necessidade de fazer ilações, de estabelecer relações com os contextos linguístico e cultural.

4. Considerações finais

O texto cordelístico registra, com humor, a alma do povo, suas convicções, seus valores. São folhetos que informam, divertem, discorrem sobre a vida e os costumes de uma época, revelam preconceitos, medos, anseios, gostos, desejos, documentando e interpretando o que ocorre no seio de uma sociedade.

Cuíca de Santo Amaro é um desses poetas do povo que, pela linguagem, disserta sobre acontecimentos políticos, sociais e culturais, bem como sobre as injustiças do seu tempo. Ele faz da linguagem seu instrumento de trabalho, através dela se impõe como um indivíduo que precisa ser respeitado, constituindo-se na língua e através dela. E mescla os seus folhetos com uma linguagem satírica, outras vezes muito lúdica, a depender daquilo que ele precisa enunciar.

Cuíca é ambíguo muitas vezes, mordaz em outras situações, amado por uns, odiado por outros, com comportamentos contraditórios, mas sempre lembrado por seu público como um indivíduo pobre, negro, semianalfabeto, que se imiscui e se impõe na sociedade baiana como alguém que não se deixa vencer por preconceitos, não se amedronta com

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

perseguições e prisões, revelando uma personalidade marcante. Com uma autoestima elevada (já delineada a partir do pseudônimo “Ele o Tal”), ele se define como um indivíduo inteligente, astuto, sagaz, chegando a dizer que

O povo é sabedor
Que eu tenho competência
A minha inteligência
É o meu maior tesouro.

O poeta desafia os limites impostos pela vida, rompe com a ordem estabelecida, forja o seu caminhar fazendo das ruas, praças, becos, trens e feiras o palco do seu existir, transformando-os em espaços de enunciação. É assim que vai construindo sua identidade na língua, expressando por meio desta as necessidades de se consagrar socialmente, constituir-se enquanto sujeito da sua própria linguagem, afirmando sempre que

enquanto eu vida tiver
Seja ou não na capital
Cuíca de Santo Amaro
Sempre foi e é o Tal!!

E para dar força ao seu dizer, o poeta faz um uso fecundo do léxico e, quando este não consegue dar conta daquilo que almeja enunciar, o poeta inova, brinca com as palavras, mexe com os sentidos que estas têm, percebendo outros ainda não captados. Em vez de moldar seus pensamentos à linguagem conhecida, Cuíca se torna senhor desta, inovando sentidos, permutando outros já existentes. Transita com desenvoltura pelo nível lexical, junta palavras de universos distintos, provoca modificações no nível semântico destas, utiliza a língua criativamente. Com isso, revela a vivacidade, o humor e a beleza que impregnam a palavra e, por esta, desnuda realidades socioculturais, testemunhando a história de comunidades linguísticas, assim como as normas sociais que as regem.

A leitura desses cordéis abre janelas que deixam entrever como vivia a sociedade da época: os valores mais cultivados; os preconceitos escancarados e outros ainda latentes, mas perfeitamente identificados nas entrelinhas do dito; a luta das classes populares por uma vida mais humanizada; as relações desiguais entre ricos e pobres; os abismos sociais; os problemas que afligiam o povo, como a falta de moradia, o desemprego, a carestia; o jogo assimétrico de poder que favorecia aqueles que detinham domínio econômico; os conchavos; os jogos de interesses voltados para a manutenção dos papéis sociais desiguais em que o clero, a po-

lícia, os políticos se unem em torno de um propósito, que era a perpetuação do domínio elitista.

Essas configurações já começam a ser evidenciadas nos títulos criativos que Cuíca dá aos seus cordéis, permitindo ao leitor fazer uma previsão da leitura, aguçando-lhe o desejo de verificar se esta se confirma. São títulos saborosos, picantes, controversos, outros chulos, mas verdadeiros chamarizes para um público ávido por notícias, fofocas e divertimento. Porém, não suscitam apenas vontade de saborear notícias e fofocas. Despertam também a curiosidade científica que frutificou uma investigação cuja preocupação central, neste texto, se direcionou para analisar as metáforas sexuais que o poeta emprega para designar relações homossexuais.

A investigação feita procurou revelar dados significativos para os estudos semânticos e contribuir para ressaltar a riqueza do universo cordelístico também nesse tipo de abordagem, e pretende despertar uma maior curiosidade científica sobre a literatura de cordel numa perspectiva semântica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARO, Cuíca de Santo. *Cuíca de Santo Amaro: controvérsia no cordel*. Introdução e seleção de Mark Joseph Curran. São Paulo: Hedra, 2000.

BÍBLIA Sagrada. Tradução Alfalit Brasil. Rio de Janeiro: Alfalit Brasil, 2002.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GURGEL, João Bosco Serra e. *Dicionário de gíria – modismo linguístico, o equipamento falado do brasileiro*. 6. ed. Belo Horizonte: Saraiva, 1998.

ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.